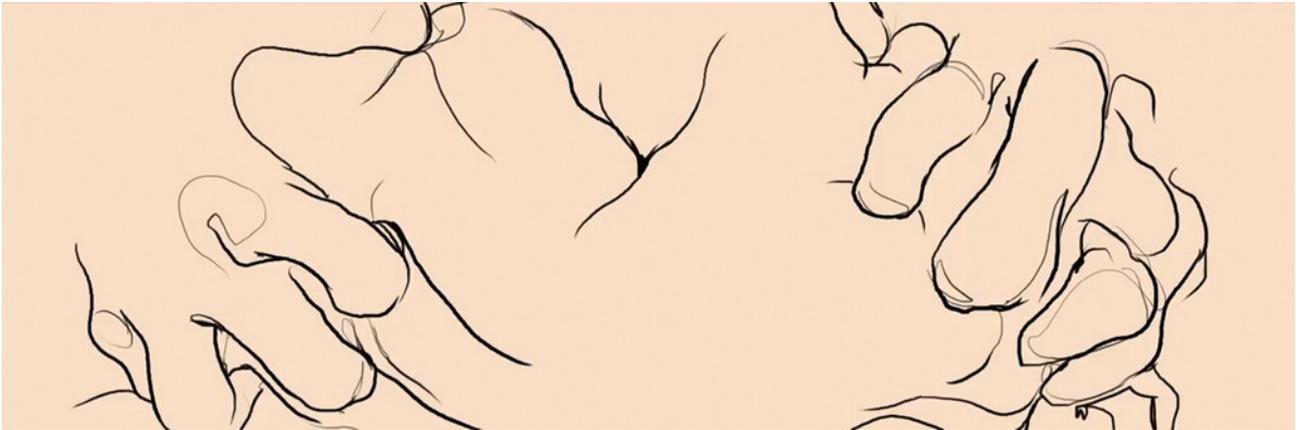




## Toca-te



Quão belo é o corpo da mulher? E quão profunda é a teia de estereótipos, preconceitos e tabus a que este está sujeito?

Recordo-me do dia em que vi o filme de animação “In our skin” de Rosa Beiroa e como este imediatamente me cativou. Observar a naturalidade com que o corpo da mulher era retratado despertou-me imensas sensações. Despertou-me, em particular, fascínio e conforto. Fascínio pelo fluir poético da animação a revelar a cada sarda e a cada dobra de pele uma nova entrada para a beleza do corpo feminino. Conforto por compreender como esta celebração do corpo nu, do corpo no seu estado mais natural, é um hino de emancipação sobre o qual nenhuma de nós deveria sentir-se intimidada social, política ou culturalmente.

Há muito que o corpo da mulher se tornou um objeto de sexualização. A própria mulher acredita estar destinada a esse terrível fado fortalecido por uma sociedade patriarcal que ora sexualiza o corpo, ora o afoga numa sólida teia de pudor e preconceito. Mas o corpo da mulher é belo e é, acima de tudo, um corpo. Os seios não são objetos sexuais, as nádegas não são motivo de troça, a vulva não é uma palavra a temer,... são a nossa pele.

Quantas de nós foram ensinadas a respeitar o seu corpo e a aceitá-lo como tão somente

aquilo que é? Não um objeto vulnerável à intimidação social, à vergonha ou à estigmatização. “In our skin” esboça o corpo da mulher sem tabus, sem preconceitos ridículos e navega pelas suas deliciosas idiossincrasias. Rosa Beiroa expõe a delicadeza do toque e a frescura da pele nua num filme de animação que se celebra a si mesmo através de uma belíssima dança de metamorfoses e jogos visuais, de linhas que se tornam volumes, volumes que se transformam em formas e formas que se moldam em figuras. A realizadora cria uma conexão, tantas vezes esquecida, entre a mulher e o seu próprio corpo. Uma conexão proporcionada pelo toque, pela autodescoberta e pela aceitação. Uma conexão capaz de despertar as mais íntimas e agradáveis sensações.

Liberto de quaisquer discursos patriarcais ou olhares hostis, este é um filme esplêndido para mulheres que desejem ver-se sem insegurança e tocar-se sem vergonha, mas também para homens que desejem viajar pelas íntimas maravilhas do corpo da mulher.

Por fim, a todas as mulheres que estiverem a ler este pequeno desabafo: toquem-se, conheçam-se, respeitem-se e não permitam que vozes impregnadas de preconceito vos envergonhem por aquilo que são.

(2019-12-28)